

# A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Brenda Alves Schirmer Bento<sup>1</sup>

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo o DSM-5-TR, é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação, além de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, esses déficits envolvem dificuldade em estabelecer reciprocidade social e emocional, como manter uma conversa ou compartilhar interesses. Podem incluir também movimentos repetitivos, adesão inflexível a rotinas, interesses intensos e restritos, e respostas incomuns a estímulos sensoriais (APA 2023). A partir desse contexto, o presente artigo tem como objetivo investigar de que forma o ambiente familiar influencia o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, utilizando o diário de campo como fonte de coleta de dados. Os resultados mostraram a importância do trabalho conjunto entre os profissionais da educação, da saúde e os responsáveis legais da criança com TEA, destacando a necessidade de práticas que fortaleçam os vínculos afetivos, promovam a aceitação do diagnóstico e favoreçam a construção de um ambiente seguro e saudável. A atuação comprometida da família, aliada a uma equipe escolar aberta para a inclusão, representa uma base sólida para o desenvolvimento integral dessas crianças.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Parceria entre família e escola; Curso de Psicologia; Estágio Supervisionado.

## THE INFLUENCE OF THE FAMILY ENVIRONMENT ON THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

### ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD), according to the DSM-5-TR, is characterized by persistent deficits in social communication and interaction, in addition to restricted and repetitive patterns of behavior. These deficits involve difficulty in establishing social and emotional reciprocity, such as maintaining a conversation or sharing interests. They may also include repetitive movements, inflexible adherence to routines, intense and restricted interests, and unusual responses to sensory stimuli (APA 2023). Based on this context, this article aims to investigate how the family environment influences the cognitive, emotional, and social development of children with Autism Spectrum Disorder. This is a qualitative study, of the experience report type, using the field diary as a source of data collection. The results showed the

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão I, sob a orientação da profa. Dra. Hildegard Susana Jung. E-mail: brenda.202020678@unilasalle.edu.br.

importance of joint work between education and health professionals and the legal guardians of the child with ASD, highlighting the need for practices that strengthen affective bonds, promote acceptance of the diagnosis, and favor the construction of a safe and healthy environment. The committed role of the family, combined with a school team open to inclusion, represents a solid foundation for the integral development of these children.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder (ASD); Family-school partnership; Psychology Course; Supervised Internship.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo o DSM-5-TR, é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação, além de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, esses déficits envolvem dificuldade em estabelecer reciprocidade social e emocional, como manter uma conversa ou compartilhar interesses. Podem incluir também movimentos repetitivos, adesão inflexível a rotinas, interesses intensos e restritos, e respostas incomuns a estímulos sensoriais. (APA 2023).

Desse modo as manifestações dessas características variam em termos de gravidade e intensidade dos sintomas, sendo influenciadas por fatores como estimulação, habilidades pré-existentes e temperamento. Isso significa que o quadro pode mudar conforme o desenvolvimento da criança. Diante dessa complexidade, os pais muitas vezes se sentem confusos e desorientados até conseguirem identificar o transtorno e entender os comportamentos do filho (Fonseca et al., 2019)

A família é o principal elo entre a criança e o mundo, sendo a partir dessa conexão que suas relações serão definidas e desenvolvidas, no caso da criança autista, a família torna-se muito mais importante e essa interação necessita ser equilibrada para garantir o desenvolvimento dessa criança de forma qualitativa (Sprovieri; Assumpção, 2001). Segundo Gomes et al., (2019) o diagnóstico de autismo em uma família pode inicialmente gerar estresse e causar importantes alterações emocionais, tanto para a criança quanto para os pais, devido à necessidade de adaptação da rotina. Essas mudanças podem impactar o desenvolvimento da criança, seja pelo excesso de cuidados ou pela falta deles, pois a criança se desenvolve pela presença dos pais assim como pode se desenvolver pela falta, reforçando então a necessidade de um equilíbrio no apoio oferecido.

É importante incluir a família no tratamento de uma criança autista, pois

contribui para o desenvolvimento e autonomia dessa criança, preparando-a melhor para o futuro. Dado o papel essencial do ambiente familiar no desenvolvimento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), este trabalho busca responder à seguinte pergunta: de que forma o ambiente familiar influencia o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças com o Transtorno do Espectro Autista? Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência elaborado a partir do diário de campo da autora, desenvolvido durante as vivências de uma prática de estágio do Curso de Psicologia.

A arquitetura do texto está assim constituída: após a presente introdução, o desenvolvimento do trabalho apresenta uma discussão sobre a qualidade das relações familiares. Em seguida aborda-se o envolvimento familiar no processo de tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando a importância do suporte da família. Na sequência, o texto explora os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com TEA, trazendo relatos que ilustram as dificuldades cotidianas e os recursos para lidar com essas experiências. Por fim, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências utilizadas para embasar a discussão teórica.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A qualidade das relações familiares**

A aceitação do diagnóstico e a participação ativa dos familiares nas intervenções são aspectos fundamentais, que influenciam significativamente o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente no que se refere à sua autonomia, comunicação e ao bem-estar emocional. Segundo Monti Di Osti e Sei (2016), o processo de aceitação por parte da família é um dos primeiros e mais importantes passos para que o plano terapêutico tenha efeitos positivos, uma vez que o envolvimento familiar está diretamente relacionado ao processo da criança nas diferentes áreas do desenvolvimento.

Contudo é comum observar certa resistência por parte dos pais ou responsáveis no momento da confirmação do diagnóstico, o que pode estar relacionado à ausência de uma orientação, ou seja um tipo de suporte principalmente psicológico. Essa falta de suporte dificulta a elaboração emocional do

diagnóstico e compromete a capacidade da família de lidar de forma adaptativa com as necessidades da criança (Maia et al., 2016). Muitas vezes, essa resistência está associada ao processo de luto simbólico, descrito por pais que experienciam a dor pela discrepância entre o filho idealizado e o filho real. Como destacam Ravazoli, Pavani e Grigoletto Netto (2024), esse tipo de luto é uma vivência emocional complexa que envolve sentimentos de perda de expectativas, frustração e angústia. Quando não reconhecido e acolhido, pode dificultar o fortalecimento dos vínculos familiares e o engajamento nas intervenções terapêuticas.

De acordo com Bosa (2006), o suporte oferecido à família, tanto por profissionais quanto por redes sociais de apoio, tem um papel crucial na ressignificação do diagnóstico. O acesso à informação qualificada, à escuta empática e ao acompanhamento emocional contribui para que os cuidadores desenvolvam recursos internos para lidar com as emoções negativas e passem a compreender melhor as necessidades específicas da criança. Isso permite que adotem uma postura mais proativa, afetiva e colaborativa no processo terapêutico, favorecendo, assim, o desenvolvimento da criança em múltiplas dimensões, especialmente no que se refere à comunicação, a socialização e a autonomia. Portanto, fortalecer o sistema de apoio às famílias não apenas contribui para a melhora da qualidade das relações parentais e familiares, mas também se configura como um fator determinante para o sucesso das intervenções terapêuticas voltadas à criança com TEA.

Dessa maneira a qualidade das relações familiares exerce influência direta no desenvolvimento emocional social e comunicativo da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Relações baseadas na aceitação e participação ativa favorecem um ambiente emocionalmente seguro, contribuindo para o progresso nas intervenções terapêuticas e na autonomia da criança. Em contrapartida, vínculos marcados por negação, sobrecarga e conflitos dificultam o engajamento familiar e podem comprometer o desenvolvimento infantil. Quando os pais recebem suporte adequado e compreendem que o diagnóstico não limita a identidade da criança, tornam-se mais preparados para lidar com os desafios de forma equilibrada, fortalecendo os vínculos afetivos e promovendo um processo mais saudável.

## **2.2 O envolvimento familiar no processo de tratamento de crianças com TEA**

O envolvimento familiar no processo de tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é fundamental para promover avanços significativos no desenvolvimento da criança. Um ambiente familiar acolhedor, que respeita as particularidades da criança e valida sua individualidade, contribui para a construção de vínculos afetivos saudáveis e favorece a evolução nas áreas comunicativa, emocional e comportamental (Bosa, 2006). Embora o diagnóstico de TEA traga desafios, é essencial lembrar que, antes de qualquer rótulo clínico, trata-se de uma criança em processo de constituição subjetiva, com potencialidades singulares.

No entanto, é preciso considerar que o envolvimento familiar deve ocorrer de forma equilibrada. A ausência de participação pode comprometer o engajamento da criança nas intervenções, enquanto o excesso muitas vezes motivado pela ansiedade ou pela tentativa de compensação pode gerar sobrecarga, tanto nos pais quanto na criança, limitando a autonomia infantil (Garcia *et al.*, 2020). Como vimos, é fundamental que os pais recebam suporte emocional e orientação adequada para lidar com as próprias angústias, expectativas e frustrações, de modo a não projetar esses sentimentos sobre a criança (Maia *et al.*, 2016).

Além disso, a coerência entre os contextos de aprendizagem como escola, ambiente terapêutico e casa, é essencial para o sucesso do processo. A criança aprende por repetição e consistência. Quando há desalinhamento entre os cuidadores e os profissionais, ou quando os pais substituem a criança na realização de tarefas em vez de estimulá-la a desenvolver autonomia, há um prejuízo significativo na generalização dos aprendizados adquiridos durante as intervenções (Oliveira *et al.*, 2020). Por isso, é imprescindível que haja um trabalho conjunto entre pais, terapeutas e professores, pautado em comunicação clara, estratégias alinhadas e objetivos comuns. Portanto, o envolvimento da família deve ser intencional, consciente e orientado por profissionais capacitados, de modo que contribua positivamente para o desenvolvimento da criança com TEA, sem comprometer sua autonomia e subjetividade. Quando bem direcionado, esse envolvimento se torna uma poderosa ferramenta para o fortalecimento do vínculo afetivo, a evolução terapêutica e a construção de um ambiente de desenvolvimento saudável e inclusivo.

### **2.3 Os desafios das famílias de crianças com TEA: relatos**

De acordo com Cabral, Falcke e Marin (2021), os pais com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) necessitam de apoio de diversas formas para que possam contribuir de maneira mais eficaz com o desenvolvimento e bem-estar de seus filhos. Em um dos casos acompanhados na vivência que deu origem ao presente artigo, ficou evidente a diferença no progresso da criança quando há suporte familiar, ratificando a visão dos autores referidos acima, de que crianças cujos pais oferecem apoio consistente apresentam avanços significativos tanto na aprendizagem quanto na socialização.

Para o presente relato de experiência, vamos utilizar o diário de campo elaborado durante um estágio de inclusão remunerado. Para resguardar o anonimato das crianças envolvidas, usamos as letras aleatórias “P” e “L”. Tanto P como L são crianças com TEA de nível de suporte dois.

No caso de P, por exemplo, os pais demonstravam certa resistência às orientações da escola, o que refletia diretamente no comportamento da criança. P apresentava episódios de agressividade com os colegas, dificuldades de aprendizagem e não conseguia permanecer em sala de aula nem por curtos períodos. Durante o recreio, também não podia ficar sem um monitor, pois frequentemente agredia outros alunos. Em diversas situações, precisávamos encaminhar para a sala de inclusão, onde utilizávamos jogos pedagógicos como estratégia de manejo. Com o tempo, percebemos que os pais nem sempre seguiam as orientações da escola e, em casa, a criança passava longos períodos no tablet, o que dificultava o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. De acordo com (Leitão *et al.*, 2023), o uso excessivo de telas pode comprometer o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), prejudicando aspectos como a comunicação social, o sono e até o comportamento alimentar. Esse tipo de exposição pode agravar os desafios enfrentados no ambiente escolar, dificultando ainda mais a adaptação e o progresso da criança.

Em contrapartida, no caso de L, o ambiente familiar era diferente. Os pais apresentavam maior aceitação do diagnóstico e trabalhavam em parceria com a escola e com a psicóloga que acompanhava a criança fora do ambiente escolar. Essa postura teve um impacto extremamente positivo no desenvolvimento da

criança, o que corrobora o que (destacam ao afirmarem que o acolhimento e o apoio familiar, aliados à busca por recursos externos como apoio psicológico e escolar, são essenciais para o enfrentamento da condição clínica e para a promoção do bem-estar emocional da criança. Socialmente, chegou a um ponto em que demonstrava empatia, ajudando colegas e recebendo reconhecimento por seu carinho. Em casa, segundo relatos, os pais utilizavam um sistema de recompensas com “joinhas”, ou seja, joinha positiva (👍) ou para baixo negativo (👎), para motivar a cumprir tarefas e portar-se de forma adequada ao momento, o que também contribuía para a prevenção de crises, conforme apontam Gaiato *et al.* (2022), ao descreverem a eficácia de reforçadores simbólicos em estratégias naturalísticas da ABA.

Para ambas as crianças observadas para o presente relato de experiência, foi necessário um período de adaptação à escola. A proposta era que, inicialmente, frequentassem no máximo dois períodos, saindo antes do recreio, para que pudessem se familiarizar com o ambiente, a rotina, os barulhos, as tarefas e até mesmo as diferentes texturas, elementos que costumam impactar os sentidos de crianças com TEA, pois sabemos que em alguns casos é comum que crianças autistas se desorganizem diante de certos estímulos sensoriais, o que pode levar a crises de agitação, choro ou isolamento.

Conforme Sena e Barros (2023), a hipersensibilidade é uma característica comum em muitas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tornando-as mais sensíveis a estímulos sensoriais do ambiente, como sons, texturas, sabores e odores. Essas reações podem impactar significativamente a qualidade de vida e as interações sociais dessas crianças. Porém, a forma como os pais conduzem essas situações influencia diretamente na maneira como a criança reage. Entre os dois casos mencionados, a principal diferença estava justamente na maneira como as famílias lidavam com o processo de adaptação escolar. Vale destacar que, embora cada criança seja única, muitos apresentam padrões sensoriais característicos, o que torna fundamental esse período de adaptação para identificar possíveis gatilhos e formas de apoio.

No caso de L, a mãe aceitou essa proposta de adaptação. No início, L demonstrava incômodo com os barulhos e se irritava quando não conseguia concluir uma tarefa antes de ir embora. Para lidar com isso, implementamos o sistema do “joinha”, o que ajudou bastante. Esse sistema foi proposto pela psicóloga que

acompanhava a criança fora da escola. Em determinado momento, ela visitou a escola para compreender melhor como estava ocorrendo o processo de adaptação de L e identificar quais estratégias poderiam ser trabalhadas no ambiente externo para favorecer sua evolução dentro da escola. Dessa forma, o apoio e a parceria entre a escola e a psicóloga foram fundamentais para promover o desenvolvimento e o bem-estar de L. É importante destacar que, para que esse processo fosse efetivo, os pais de L demonstraram abertura e engajamento, buscando ativamente recursos e manejos fora do ambiente escolar para contribuir com a adaptação da criança.

Conforme (Correia et al., 2024) ressaltam, que a participação ativa da família aliada ao suporte escolar e acompanhamento psicológico constitui um fator essencial para o desenvolvimento emocional e a inclusão social da criança. O processo de adaptação durou cerca de um mês, com resultados positivos. Aos poucos, foi possível estender seu tempo na escola, inclusive durante o recreio. Embora L também apresentasse momentos de crise ou resistência a algumas tarefas da escola, não demonstrava agressividade, e era possível conduzir de forma tranquila para que se reorganizasse emocionalmente.

Já com P, a situação foi bem diferente. A mãe não aceitava o processo de adaptação e exigia que a criança permanecesse os quatro períodos integralmente na escola, incluindo o recreio, desde o primeiro dia. Essa imposição, sem respeitar o tempo da criança, teve impactos negativos. Assim, P não conseguia permanecer nem 10 minutos em sala de aula e, quando permanecia, frequentemente demonstrava agressividade. O progresso foi lento: levou quase um ano para que conseguisse ficar quase dois períodos, sempre necessitando de materiais de apoio e acompanhamento constante. Durante o recreio, o barulho e a agitação do ambiente frequentemente desorganizavam a criança, levando a crises mais intensas. A negação do diagnóstico e a falta de apoio familiar podem gerar sofrimento emocional e dificultar o processo de adaptação escolar da criança com TEA, ou seja, se os pais aceitassem a proposta inicial, o processo de adaptação seria mais saudável para o bem estar da criança (Pinto et al., 2016).

Como destaca Bosa (2006), o comportamento da família diante do diagnóstico e do processo de adaptação influencia diretamente no desenvolvimento da criança, especialmente na fase escolar. Portanto, a diferença entre esses dois casos evidencia o quanto o comportamento da família diante do diagnóstico e do

processo de adaptação influencia diretamente no desenvolvimento da criança, principalmente na fase escolar. A adaptação é uma etapa essencial para que a criança, com suas particularidades, compreenda e se adapte ao novo ambiente fora de sua zona de conforto. Quando essa etapa é ignorada ou imposta de forma inadequada, os prejuízos são significativos, como vimos no caso de P. Por outro lado, quando a adaptação é conduzida de forma gradual, com o envolvimento e apoio da família, como ocorreu com L, os resultados são positivos, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, aprendizagem, emocional e social da criança.

A relação entre o ambiente familiar e o desenvolvimento de habilidades como autonomia, interação e comunicação social nas crianças com TEA é fundamental para a construção do seu desenvolvimento. Essa relação pode ser observada de maneira clara nos casos de P e L, em que as diferenças no vínculo afetivo e no suporte familiar influenciaram significativamente os resultados alcançados em cada caso. De acordo com a teoria do vínculo, proposta por John Bowlby (1984), o tipo de vínculo que a criança estabelece com seus cuidadores exerce um impacto direto na maneira como ela percebe o mundo e interpreta as situações à sua volta. Um vínculo seguro, caracterizado por afeto e acolhimento, favorece o desenvolvimento da autonomia, da segurança emocional e das interações sociais. Em contrapartida, um vínculo frágil ou pouco estimulado pode gerar inseguranças e dificuldades, limitando o aprendizado e a capacidade de relacionamento da criança com o ambiente. Isso fica evidente ao observarmos que crianças com um vínculo seguro tendem a enxergar o mundo como um lugar seguro para explorar, enquanto aquelas com vínculos frágeis podem ter dificuldades em interagir e se desenvolver plenamente.

O caso de L ilustra os benefícios de um ambiente familiar estruturado e acolhedor. L possuía um vínculo seguro com sua família, que oferecia suporte emocional e estímulo consistente. Essa base permitiu que L se adaptasse de forma tranquila ao ambiente escolar, desenvolvendo sua autonomia e habilidades sociais. Sua adaptação foi rápida e positiva, promovendo avanços significativos tanto no aspecto de aprendizagem quanto nas interações sociais. L se desenvolveu em vários aspectos e, com o tempo, tornou-se menos dependente do apoio constante, o que também contribuiu para o fortalecimento da sua autonomia.

Por outro lado P enfrentou uma realidade diferente, seus pais ainda estavam em processo de luto e de aceitação do diagnóstico de TEA, o que dificultou o

estabelecimento de um vínculo seguro em casa. P encontrou em mim, enquanto monitora de inclusão, o principal vínculo durante seu processo de adaptação escolar. Esse vínculo, embora importante para promover o aprendizado inicial, mostrou as limitações de uma relação construída apenas no ambiente escolar, sem o apoio de um vínculo consistente e seguro em casa. Ao mesmo tempo em que P apresentou avanços na aprendizagem, como a identificação e sons de sílabas e a leitura de algumas palavras, ele demonstrou dificuldades significativas no desenvolvimento das habilidades sociais. Sua tendência à autoagressão quando outro adulto ou colega tentava interagir comigo indicava uma tentativa de manter a atenção exclusivamente voltada para si, o que demonstra uma dificuldade em lidar com o compartilhamento de vínculos e relações. Isso também pode ser compreendido a partir da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito proposto por Vygotsky (1991), que representa o espaço entre aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o que ela pode fazer com o apoio de um adulto ou de um colega mais experiente (nível de desenvolvimento potencial). Foi dentro dessa ZDP que P conseguiu desenvolver algumas habilidades acadêmicas, com minha mediação, mas, devido à ausência de um vínculo seguro no ambiente familiar, não conseguiu internalizar completamente essas aprendizagens para o campo das interações sociais.

Esses casos reforçam a importância do ambiente familiar e da qualidade de vínculos primários no desenvolvimento das crianças com TEA. Portanto o apoio constante da família, junto com um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, é essencial para o desenvolvimento saudável dessas crianças. Além disso, a aceitação do diagnóstico por parte dos pais é um elemento essencial para que a criança sinta-se acolhida e compreendida em suas necessidades específicas. A literatura ressalta que a aprendizagem e o desenvolvimento infantil ocorrem de forma mais eficaz quando há interação social significativa, sendo o adulto ou mediador uma ponte essencial para promover essa evolução (Vygotsky, 1991). Por isso, é fundamental que o trabalho com crianças com TEA considere não apenas as intervenções pedagógicas, mas também o fortalecimento dos vínculos familiares, a construção de um ambiente seguro e a formação de relações de confiança entre a criança, família e escola.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos casos analisados neste relato de experiência, tornou-se evidente que o ambiente familiar exerce influência direta e significativa sobre o desenvolvimento emocional, social e escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O contraste entre as trajetórias de P e L ilustra de forma concreta como a aceitação do diagnóstico, o estabelecimento de vínculos afetivos seguros e a participação ativa da família no processo educativo e terapêutico são fatores determinantes para o progresso da criança em diferentes dimensões.

O caso de L destacou-se enquanto um exemplo de como o acolhimento familiar, o trabalho interdisciplinar e a escuta atenta às necessidades específicas da criança podem potencializar seu desenvolvimento. Sua trajetória evidenciou não apenas avanços significativos na aprendizagem e na adaptação escolar, mas também no fortalecimento de sua autonomia e nas interações sociais, resultado de uma rede de apoio bem estruturada. Sua postura afetuosa e colaborativa foi percebida não apenas no desempenho escolar, mas também nas relações interpessoais, promovendo um ambiente de inclusão.

Por outro lado, a situação de P revela os desafios enfrentados quando há resistência por parte da família em aceitar o diagnóstico e em participar ativamente do processo de adaptação escolar. Mesmo apresentando progressos em alguns aspectos, especialmente com o suporte individual recebido no ambiente escolar, P teve seu desenvolvimento social limitado pela ausência de um vínculo familiar seguro e pela falta de continuidade entre os contextos de aprendizagem. Esses fatores demonstram como a integração frágil entre escola e família pode comprometer o desenvolvimento de habilidades essenciais para o convívio social e para o bem-estar da criança.

Por fim, este estudo reforça a importância do trabalho em conjunto entre os profissionais da educação, da saúde e os responsáveis legais da criança com TEA, destacando a necessidade de práticas que fortaleçam os vínculos afetivos, promovam a aceitação do diagnóstico e favoreçam a construção de um ambiente seguro e saudável. A atuação comprometida da família, aliada a uma equipe escolar aberta para a inclusão, representa uma base sólida para o desenvolvimento integral dessas crianças. O estudo incita novas pesquisas, as quais poderiam incluir uma escuta ao campo empírico, envolvendo as famílias e profissionais envolvidos.

## REFERÊNCIAS

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica de Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s47–s53, maio 2006.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo.** Porto Alegre: Artmed, 1984.

CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 27, p. e0156, 2021.

GAIATO, M. H. B.; ZOTESSO, M. C.; SILVEIRA, R. da R.; et al. Análise do comportamento aplicada ao autismo embasada em estratégias naturalísticas: revisão da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 10, 2022. DOI: 10.25248/REAS.e10919.2022.

LEITÃO, C. M.; LIMA JÚNIOR, U. M.; SOUSA, M. N. A. Implicações do tempo de tela no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças autistas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 1–9, 2023.

MAIA, F. A. et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 228–234, abr. 2016.

MONTI DI OSTI, N.; SEI, M. B. A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 145–157, 2016.

OLIVEIRA, J. J. M. de; SCHMIDT, C.; PENDEZA, D. P. Intervenção implementada pelos pais e empoderamento parental no transtorno do espectro autista. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 24, p. e218432, 2020.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. e61572, 2016.

RAVAZOLI, M. C. R.; PAVANI, T. C.; GRIGOLETO NETTO, J. V. O luto pelo filho idealizado: a experiência de pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Akpórolis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Umuarama, v. 32, n. 1, p. 63–77, 2024.

RODRIGUES, J. N.; GOMES, D. P. F. S. Grupo de apoio para familiares de pessoas com autismo: relato de experiência. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, v. 7, n. 1, p. 1949–1965, 2020.

SENA, B. U.; BARROS, T. de S. HIPERSENSIBILIDADE EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **REVISTA FOCO**, [S. l.], v. 16, n. 11, p. e3502, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n11-012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.